

O MARACÁ NA ESCOLA: PENSAMENTO MÁGICO, INSTRUMENTO PERCUSSIVO E RITUALÍSTICO

¹*Silmara de Fátima Cardoso (Guajajara)*

Resumo

Compreendendo a importância, a força rítmica, o pensamento mágico e espiritual do maracá, cujo poder assombrou Hans Staden, demonstrando que essa energia é viva e simbólica, o presente texto tem por objetivo apresentar o projeto **O maracá na escola: pensamento mágico, instrumento percussivo e ritualístico**, que será realizado junto a escolas públicas, no intuito de fazer a comunidade escolar compreender a expressão cultural, o pensamento e a diversidade de alguns dos povos que mantêm viva a tradição do maracá. Antes de explicar o desenvolvimento do projeto, trato, inicialmente, do objeto maracá: seu uso, sua simbologia, sua força, etc. **Palavras-chave:** Educação; Imaginário; Culturas Indígenas.

Palavras-chave: Maracá, História e Cultura Indígena.

Abstract

Comprendiendo la importancia, la fuerza rítmica, el pensamiento mágico y espiritual del maracá, cuyo poder asombró a Hans Staden, demostrando que esa energía es viva y simbólica, el presente texto tiene por objetivo presentar el proyecto “El maracá en la escuela: pensamiento mágico, instrumento de percusión y de rito”, que será realizado en las escuelas públicas, para que la comunidad escolar comprenda la expresión cultural, el pensamiento y la diversidad de algunos pueblos que mantienen viva la tradición del maracá. Antes de explicar el desarrollo del proyecto, trato, inicialmente, del objeto maracá: su uso, su simbología, su fuerza, etc.

Key-words: Maracá, Historia y Cultura Indígena.

1. Considerações Iniciais

Mais do que um elemento percussivo, rítmico, usado nas solenidades religiosas, ritualísticas e guerreiras, o maracá era um instrumento de poder entre os Tupinambás seiscentistas, ele era tão importante que Hans Staden pensou se tratar de um objeto de adoração:

Eles creem em um objeto que cresce como uma cabaça e é tão grande como uma medida e meia (copo de bebida). É vazio por dentro e atravessam-no com um pauzinho; abrem um buraco nele, como uma boca, e introduzem por ele pedrinhas, de modo que produz ruído ao ser sacudido. Tocam esse instrumento enquanto cantam e dançam e chamam-no maraka (apud ACADEMIA BRASIL-EUROPA).

O maracá, com as suas mais distintas denominações, ainda é elemento marcante, característico das mais diversas etnias brasileiras atuais, dos mais diferentes troncos culturais. Sinônimo de música entre os kamaiurá, denotativo de uma cultura, como entre os guajajara (“Povo do Maracá”), a força do maracá continua presente no cotidiano de alguns povos indígenas brasileiros.

Há diversas variantes do maracá, consistindo às vezes de uma cabaça oca repleta de pedrinhas ou sementes e colocada na extremidade de um pau. Pode ser enfeitado com penas ou pinturas, bem como com trançados de palha, com a qual também podem ser confeccionados.

Originando-se do tupi mbara-ká (BODIN, 1978), o maracá está presente em diversas manifestações culturais brasileiras, como o carimbó, e em cerimônias de religiões afro-brasileiras que receberam influências indígenas, como o candomblé de caboclo. No catimbó, culto de origem indígena amplamente influenciado por tradições europeias, o maracá é tido como sagrado.

O maracá também pode sinalizar o poder espiritual. É utilizado nas cerimônias religiosas, guerreiras, e nos ritos de curas xamânicos. É o aliado que auxilia nos chamados das forças da natureza. Usado pelas tradições de alguns povos indígenas, é uma representação do universo. Assim, pode-se dizer que o maracá é um objeto que tem um aspecto multifário, ou seja, se exprime de muitos modos, apresentando-se sob diversos sentidos.

2. Pensamento mágico e força espiritual

Embora a indumentária ritual seja bastante rara na América do Sul, certos acessórios do feiticeiro fazem as suas vezes; entre eles podemos citar o maracá, chocalho, feito de cabaça em cujo interior há grãos ou pedrinhas, sendo munido de um cabo. Esse instrumento é considerado sagrado, e os tupinambás chegam a fazer-lhe oferendas de alimentos (METRAUX apud. ELIADE, 1951).

Como observamos no trecho acima, o maracá era considerado um objeto de poder e adoração. Atualmente, na mesma medida em que é classificado como uma arte étnica, um instrumento musical, pode ser também um objeto de pensamento mágico, utilizado nos rituais de cura ou o responsável pela condução de diferentes rituais entre alguns povos indígenas, como por exemplo, os guajajara² e os krikati³.

Sobre o pensamento mágico e a força espiritual compreendidas no maracá, Zannoni e Barros (2012, p. 31) afirmam o seguinte: “o maracá abre a porta do universo paralelo para que cada categoria de espíritos esteja alerta para aquilo que a sociedade, através do pajé, quer dizer ou pedir a eles”.

2 Os Guajajara ou Ttenetehára são o povo indígena de língua tupi que habita o Maranhão e o nordeste do Pará (Tembé).

3 Os Krikati são o povo indígena de língua jê, da família timbira, que habita a Terra Indígena Krikati no município de Montes Altos (MA).

Conforme Metraux (1979: 60), os tupinambás acreditavam que o maracá servia “de receptáculo ao espírito. A veneração pela qual era tido o maracá, assim como seu caráter eminentemente sagrado, repousava na crença de que o seu ruído reproduzia a voz dos espíritos.” Sobre essa questão Léry (1980: 214-17) registrou no capítulo “sobre os selvagens” a crença dos tupinambás em relação ao maracá:

No meio da roda, ricamente adornados com plumas, cocares, máscaras e braceletes de diversas cores, cada qual com um maracá em cada mão. E faziam ressoar essas espécies de guizos feitos de certo fruto maior que um ovo de avestruz. [...] Os caraíbas vão de aldeia em aldeia e enfeitam com as mais bonitas penas que encontram os seus maracás; e fincam-nos em seguida no chão, do lado maior, entre as casas, e ordenam que lhes seja dada comida e bebida. Esses embusteiros fazem crer aos pobres idiotas dos selvagens que essas espécies de cabaças assim consagradas comem e bebem realmente à noite. E como os habitantes acreditam nisso não deixam de pôr farinha, carne e peixe ao lado dos maracás e nem esquecem o cauim. Em geral deixam assim os maracás no chão durante quinze dias a três semanas, após o que lhes atribuem santidade e os trazem sempre nas mãos dizendo que ao soarem os espíritos lhes vêm falar.

No livro **O Xamanismo e As Técnicas Arcaicas do Êxtase de Mircea Eliade (1951)**, encontra-se uma menção ao maracá muito interessante e curiosa. Para certos povos indígenas há um paralelo do maracá com o universo, isto é, dentro da cabaça do maracá estaria contido um universo.

Se o tambor é o instrumento do xamanismo na Sibéria e na América do Norte, na América do Sul é quase totalmente substituído pelo maracá. Tal como o tambor siberiano, que se diz ser feito da árvore do mundo, também o cabo do maracá sul-americano simboliza esta árvore, ao passo que o volume oco do instrumento propriamente dito simboliza o cosmo. As sementes, cristais ou seixos contidos no seu interior são os espíritos e as almas dos ancestrais. A agitação do maracá torna os espíritos ativos, que então passam a prestar assistência ao xamã.

Seguindo esse ponto de vista, Zannoni e Barros (2012: 29) observam que o maracá é tido “como instrumento oriundo do universo paralelo, considerando que os primeiros registros que se conhecem sobre esse instrumento o situam no universo do xamanismo tupinambá enquanto objeto sagrado, portador da voz dos espíritos”.

Assim, para alguns povos indígenas, o maracá pode ser compreendido como a representação simbólica das vozes das substâncias dos espíritos e divindades da natureza que chegam à aldeia em momentos especiais, nas cerimônias em que os pajés tocam o maracá.

Esse instrumento musical usado nesse contexto ritual e por pessoas dotadas de saberes e habilidades especiais de comunicação com os deuses, passa a significar, simbolicamente, a chegada dos espíritos ao mundo dos vivos. Seu som sacraliza o momento e o lugar onde esta experiência é vivida.

Nos rituais de iniciação guajajara ou tenetehára, o maracá tem uma função particular, singular: “serve para apaziguar os espíritos presentes no ritual, ao mesmo tempo em que marca o ritmo da cantoria” (ZANNONI e BARROS, 2012: 31).

Barros (2002) relata um mito do maracá entre os Krikati. Para esse povo o maracá não foi feito por humanos, mas sim pelos seres sobrenaturais. Seres de outro universo deixavam os seus maracás pendurados num determinado suporte, como uma corda, e ficavam atentos, vigiando para que ninguém os roubasse. *Kukroh* intentou roubar um maracá, mas foi aconselhado pelos mais velhos que os donos dos maracás tinham ouvidos aguçados, além de serem velozes na corrida. No entanto, se ele estivesse mesmo determinado a realizar tal façanha, deveria cuidar para que o maracá não fizesse barulho durante sua volta para a aldeia, do contrário, os donos acordariam e o perseguiriam até a morte. *Kukroh* conseguiu seu objetivo e graças a ele hoje os Krikati têm maracá.

Em um sentido espiritual e no pensamento mágico, o maracá foi o tabernáculo das mais antigas tribos brasileiras, aquilo que abria um espaço ritual para a comunicação com os deuses. Por isso, o maracá era venerado com respeito, pois era considerado um objeto sagrado.

Em um sentido espiritual e no pensamento mágico, o maracá foi o tabernáculo das mais antigas tribos brasileiras, aquilo que abria um espaço ritual para a comunicação com os deuses. Por isso, o maracá era venerado com respeito, pois era considerado um objeto sagrado.

3. Instrumento percussivo e ritualístico

O maracá é um “instrumento idiofônico, de forma globular ou ovoide feito com o fruto da cabaceira. Ele é usado para marcar o ritmo dos cantos nas cerimônias indígenas em geral”. Além da cabaça, pode ser feito de coco ou cuité com pedrinhas, sementes no seu interior. Enfeitado com penas, é provido de um cabo que o executante segura para sacudi-lo (ZANNONI e BRARROS, 2012: 28).

Entre os krikati, observam Zannoni e Brarros (2012), o uso do maracá é prerrogativa apenas de um cantor, já entre os tenetehára, ele é conduzido por vários cantores simultaneamente, cada um contribuindo, à sua maneira, com a realização do ritual. Se entre o primeiro povo ele é específico de determinado cantor, já no segundo, ele pode ser conduzido por qualquer homem iniciado no maracá.

Os autores dizem ainda que, para os tenetehára, o maracá é um instrumento musical indispensável a qualquer ritual, representa um suporte ao canto e, associado a ele, uma maneira de o cantor entrar em contato com os espíritos que devem ser apaziguados para o bom andamento de todo o ritual, seja este masculino ou feminino.

Nos mitos que tratam da aquisição de rituais, cantos e danças, há uma estreita relação entre essa aquisição e a humanização. Em dadas sociedades indígenas, os cantos, assim como os instrumentos musicais, especialmente o maracá, são inerentes ao mundo paralelo. “Através de viagens a esse mundo, os homens aprendem seus cantos com espíritos de animais que um dia foram gente” (ZANNONI e BARROS, 2012: 29-31).

Não é pela linguagem da fala, com seus conceitos, que se estabelece o diálogo com o mundo paralelo, mas através do som, elemento universal que, no caso do maracá, marca o ritmo, mas não a intensidade da emoção somada ao canto, que é o som domesticado pela cultura através da língua.

O uso desse instrumento significa, literalmente, um ato de produção de música, de ritmo, de dança, de canto. A figura abaixo mostra a dança tupinambá, com o uso do maracá na mão e chocalho em feira nas pernas ⁴.



Figura 1 - Gravura de Tehodor de Bry, (ca. 1528-1598), reproduzida do livro Viagem à Terra do Brasil

4 Viagem à Terra do Brasil de Jean de Léry, reed. Liv. Martins Fontes, SP, ca.1940, cop.edição orig. de 1578.

4. O maracá na escola: pensamento mágico, instrumento percussivo e ritualístico.



Figura 2 -Maracá da etnia guarani m'bya. Foto reproduzida pela autora.

Na intenção de contribuir com a discussão do ensino da história e da cultura indígena na escola, como preconiza a Lei 11.645/08, o projeto **O maracá na escola: pensamento mágico, instrumento percussivo e ritualístico** visou colaborar com um estudo sobre o maracá, instrumento musical idiofônico presente em muitas culturas indígenas do Brasil.

O projeto abrangeu o estudo da origem mítica desse instrumento sonoro, de sua confecção, de seu uso indispensável nos cantos e danças, como também o entendimento de sua relação com o mundo espiritual indígena, expresso no pensamento mágico dos pajés ou no uso ritual do instrumento.

A compreensão dos usos e costumes do maracá foi importante para entendermos como alguns povos indígenas relacionam-se com o mesmo, e como ele se tornou um objeto de tradição e resistência cultural. Seu uso em termos semelhantes ao feito pelos tupinambá seiscentista é frequente na atualidade de muitos povos indígenas, pois como observam Zannoni e Barros (2012: 30-31) O maracá, “por ser a voz dos espíritos”, está presente, se não em todos, ao menos na maioria dos rituais da vida dos povos indígenas brasileiros.

As atividades desenvolvidas no projeto foram: pesquisas sobre o maracá; apresentações das pesquisas para a comunidade escolar; encontro com convidado indígena para tratar com a comunidade escolar dos usos, costumes e os sentidos do maracá; oficinas de produção de maracás, danças e cantos na língua guarani m'bya.

Partindo de uma questão micro, que foi o estudo de um objeto cultural muito importante e de grande valor simbólico para alguns povos indígenas (como os guajajara, os krikati, os kamaiurá, os kalapalo, os pataxó, os kariri xocó, os guarani m'bya, dentre outros), o projeto pretendeu contribuir para o entendimento de saberes, crenças, ritos e mitos, como também do pensamento mágico e arte étnica expressos no maracá.

O projeto, que envolveu toda a comunidade escolar (alunos, professores, coordenadora pedagógica, diretor, bibliotecária, servidores técnicos administrativos, pais/responsáveis) foi realizado na Escola Técnica Eng° Agron° Narciso de Medeiros (Colégio Agrícola de Iguape localizado no Litoral Sul de São Paulo) onde eu atuei como Orientadora Educacional por quase um ano. A escola abrangia o ensino médio e cursos técnicos. Os discentes eram adolescentes, jovens e adultos.

Quando cheguei pela primeira nessa escola em março de 2010, percebi que os alunos, como também alguns funcionários ficavam surpresos ou chocados por eu ser uma indígena, mas como assim uma indígena? “Você parece é uma mexicana, boliviana, ou

qualquer coisa, mas não indígena. Você é diferente dos indígenas da região de Cananéia, dos indígenas que aparecem em Iguape para vender artesanato”. Essa foi uma das falas que eu ouvi.

Então percebi que os alunos, como também os funcionários da escola, tinham uma visão distorcida do que era ser um indígena brasileiro, e ainda, acreditavam que indígenas eram apenas aqueles que viviam em Cananéia e vendiam artesanatos em Iguape. Não compreendiam a existência de sociedades, nações, povos indígenas e de troncos linguísticos diferentes, com costumes, tradições e línguas diversas em todas as regiões do Brasil. Foi então que nasceu a ideia de construir um projeto tratando da temática indígena. E como eu já estudava e colecionava maracás, artefato cultural de resistência e valor simbólico para muitos povos nativos, incluindo os indígenas de Cananéia, que são guaranis e tupi-guaranis, decidi construir o projeto a partir desse objeto, o que se realizou em agosto de 2010.

A coordenadora pedagógica, os professores e a bibliotecária apoiaram e se envolveram no projeto de várias maneiras, se não se envolveram diretamente, incentivaram os alunos a participarem. A bibliotecária fez uma relevante pesquisa sobre o maracá e sempre auxiliava os alunos no que fosse preciso.

Houve um dia reservado para os alunos apresentarem para a comunidade escolar as pesquisas realizadas. Cada turma ficou responsável por um tema específico sobre o maracá (instrumento percussivo, a história do maracá, os seus usos em determinada etnia, o seu uso como força espiritual, o seu uso reapropriado por outras culturas, dentre outros temas). Alguns alunos apresentaram as suas pesquisas em forma de oficina, palestra, pôster, desenhos, e já compreendiam que os povos indígenas são diversos e diferentes entre si, o que era o objetivo geral a ser alcançado.

A palestra sobre cultura e história indígena envolvendo o maracá foi ministrada pelo indígena guarani m’bya Kuarai, residente em Iguape que eu conheci em um evento da cidade. Tratei do projeto com ele e o convidei para ministrar uma palestra na escola envolvendo os usos e os sentidos do maracá para o seu povo.

A oficina “produzindo o seu maracá” e a oficina “canto e dança” envolveu a produção de maracás, pinturas, grafismos indígenas, cantos na língua guarani com o uso dos maracás produzidos. As oficinas foram realizadas em horários e dias específicos para cada turma/curso, sendo ministradas pelo indígena Kuarai. Também houve nelas a participação de alguns professores, técnicos administrativos e pais/responsáveis.

A última etapa do projeto foi a apresentação do toré (roda e cantos). Nessa atividade foi realizada uma bela e grande apresentação do toré para toda comunidade escolar, com cantos na língua guarani e uso dos maracás produzidos nas oficinas.

Após a realização do projeto fizemos uma grande reunião envolvendo uma considerável parte da comunidade escolar: alunos, professores, coordenadora pedagógica, alguns técnicos administrativos, direção, que expuseram seus pontos de vista e avaliação das atividades realizadas e a sua compreensão do que são povos indígenas e todo o processo de discriminação que vêm sofrendo ao longo da história do Brasil.

Acredito que os objetivos do projeto foram alcançados, pois em algumas falas percebi a compreensão da diversidade dos povos indígenas, de suas línguas e culturas; a ideia de que é preciso trazer mais vezes à escola indígenas para tratarem da sua tradição e costumes para que possamos aprender o que os livros didáticos não informam, ou informam de maneira distorcida e preconceituosa; e que o maracá não é um simples objeto, mas um artefato cultural de grande valor simbólico funcionando como uma arte étnica, um instrumento percussivo e ritualístico.

O projeto propiciou a integração e socialização entre os alunos, professores, funcionários da escola, pais/responsável e comunidade local e ofereceu uma atividade que foi além do currículo e do âmbito da escola. Incentivou e desenvolveu, principalmente nos alunos, o

interesse pela vida e situação atual em que vivem muitos povos indígenas, sobretudo os da região de Cananéia (guaranis e tupi-guaranis), cidade que faz parte do município de Iguape.

Referências

ACADEMIA BRASIL-EUROPA. **Hans Staden**. Disponível em <http://www.akademie-brasil-europa.org/Materiais-abe-92.htm>.

BARROS, Maria M. dos S. **Arte krikati**: uma abordagem sociológica. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

BODIN, Max. **Dicionário de tupi moderno**. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, v. 1-2, 1978.

ELIADE, Mircea. **O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. (Mitológicas v. 1).

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

METRAUX, Alfred. **A religião dos Tupinambás**. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. da USP, v. 267, 1979. (Col. Brasileira).

ZANNONI, Claudio e BARROS, Maria Mirtes dos Santos. **A voz dos espíritos**: uma abordagem sobre o maracá em sociedades indígenas do Maranhão. Cad. Pesq., São Luís, v. 19, n. 2, maio/ago. 2012, p. 27-32.